

Nº 5

REVISTA LITTERARIA

PAULISTANA

JORNAL DE INSTRUCCÃO E RECREIO

PUBLICA-SE NOS DIAS 5 E 20 DE CADA MEZ

ANNO I — TOMO I



S. PAULO.

TYPOGRAPHIA — IMPARCIAL — DE J. R. DE AZEVEDO MARQUES

RUA DO ROZARIO N.º 49

—
1860.

INTRODUÇÃO.

A immobildade não é a lei dos seculos, nem o almejado ponto para onde singra a arca sagrada dos destinos humanos.

O mundo caminha; disse-o a voz eloquente de Pelletan e os factos dos tempos que se forão, e dos que ora passão confirmão dia por dia essa verdade. Qualquer que seja a magua dos obscurantistas a luz se faz, as ideas se derramão, e os privilegios desapparecem porque a sciencia é para todos, e o merito tem direito a todas as posições.

Os grandes descubridores, os martyres da ideia, os prophetas da civilisação sahem de todas as classes, e tornão-se iguaes ante a lei civilisadora do progresso, quando o seu merito é igual.

Colombo o pobre mareante, depois de sofrer os desdens das testas coroadas, guiado pelas instruções vagas de alguns navegantes, lutando corajoso contra os clamores e insubordinação de sua companha, conquista para o mundo um novo continente; e depois de Deos pode-se dizer que creia a America porque a arranca a barbaria, e dá-lhe a civilisação.

Vasco da Gama communica os povos do ignoto Oriente com os da Europa, e dão a um povo pequeno em territorio mas forte em coragem, as paginas mais glorioas de sua historia.

Galileu descortina no vasto dominio da idéa o grande problema da rotação da terra, e martyr do pensamento, quebrado pela tortura, fraco no corpo, mas forte n'alma murmura as suas celebres palavras — *et pur si muove!*

Fulton lutando com mil contrariedades faz navegar nos mares americanos o seu pasmoso pyroscapho e sugcita a navegação até então incerta ás leis do tempo.

Mais tarde o seu grande invento é applicado ao transito terrestre, e a locomotiva faz ouvir o seu guincho cheio de auras promessas no meio das bastas populações da Europa, e nos desertos magestosos da America. Ahi ao brado—áante dos numerosos emigrantes que devassão as mysteriosas planícies do *Far West* as florestas desapparecem, as cidades surgem, e o deserto vai rapidamente tornando-se um mytho.

Mais tarde o homem descobre em si mesmo um meio de transporte, e sentado quasi sem esforço faz que o barotropo transponha grandes distancias.

No dominio da idéa, onde os grandes pensadores esquecem as dificuldades da practica, para darem largas aos pensamentos gigantescos e immortalisarem, ou os grandes vultos da historia, ou os filhos de sua imaginação brilhante, manifestase em todos os tempos o progresso.

Klopstok canta o filho de Deus em sua linguagem celeste. Milton pinta com côres sombrias a figura imponente do anjo decahido, e atinge a perfeição no bello horrivel. Dante descreve as angustias dos condenados ás penas eternas, e mostra na multiplicidade dos tormentos que inventa o immenso poder de sua vasta imaginação !

Além o principe dos poetas de Hespanha, o guerreiro denodado, o homem genio que arriscara a vida para salvar a epopeia das glórias portuguezas, da enxerga que vio seus ultimos momentos, outorga á patria que o desconhecera um dos maiores monumentos de litteratura—os *Lusiadas*!

Tasso, o louco sublime dos carceres de Ferrara, que pensou que o genio valia a nobreza, nos tempos de privilegio em que vivia, dá á sua patria a—Jerusalem libertada—e immortalisa a memoria de Godofredo ! Por toda a parte a idéa que se faz verbo, e as tradições que se curvão ante as esperanças do futuro !

Carlos V, o homem que havia sonhado governar o mundo honra-se de levantar o pincel de Ticiano; Francisco I seu rival no campo da batalha e no amor ás artes cumula de honras Bemvenuto Celini.

No paiz que nos vio nascer tambem as artes e as sciencias encontrão auxiliares na opinião e no homem que se acha á testa dos destinos do Imperio.

O Snr. D. Pedro II comprehendendo que o exemplo de-

ve vir de cima, e que a illustração é tão necessaria ao espirito como o pão ao corpo, põe-se a testa da primeira corporação litteraria fdo imperio, e graças a esse beneficio influxo e a devoção de seus socios as publicações do Instituto Historico tem prestado relevantes serviços ao paiz, elucidando pontos controversos da nossa historia e geographia patria.

Se o livro menos accessivel a multidão não pode facilmente por ella derramar as idéas geraes sobre todos os assumptos que tem ocupado os pensadores, cumpre que o jornal, forma mais modesta do pensamento humano se encarregue de dar ao povo o pão do espirito.

Esta tarefa alias difícil vamos tentar-a.

São Paulo, uma das metropoles da scienzia no Imperio, vasto fóco de luzes e de talentos, uns já sazonados, outros que se preparam para as lutas da vida publica, tem direito á publicação de um jornal, que pondo de parte as pugnas ardentes, e infelizmente tantas vezes eivadas de personalidades da politica do dia, se constitua um verdadeiro campo neutro em que os talentos e as vocações, quaesquer que sejam suas opiniões, venham repousar das lutas ardentes, e discutir com toda a calma na região da theoria as questões artisticas litterarias, e scientificas.

E' este o fim modesto que tem em mira a REVISTA LITTERARIA PAULISTANA, e que procurará desempenhar com o maior cuidado e a mais incansavel solicitude.

Ella convoca para este combate de armas cortezes os talentos do paiz, e solicita ufana da empreza a que poz os homens, seu valioso auxilio para levar ao porto de seu destino o baixel de suas esperanças.

Se este brado for ouvido, se a voz modesta do jornalista obscuro for attendida pelos operarios da scienzia e da arte a empreza que vamos tentar poderá prestar alguns serviços ao progresso do paiz, se porém nossas esperanças morrerem em flor contentar-nos-hemos de haver cumprido um dever procurando dar ao paiz um jornal scientifico e litterario.



OS PARTIDOS POLITICOS NO BRASIL.

I

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

Os partidos politicos, como os homens, constam de um elemento material e de outro immaterial. O elemento material são os individuos, que se reunem para a consecução de um fim politico; o elemento immaterial é a idéa, que os anima e os liga, que gera entre elles paixões e interesses communs. A idéa, que não se encarna em um grupo de homens, não é um partido; o grupo, que não é dominado por uma idéa commun, tambem não é um partido.

Brote uma grande idéa na intelligencia solitaria do sabio, que medita no silencio do gabinete; venha ella embora radiada do entusiasmo d'aquele que a gerou, e seja de natureza propria a affectar as paixões, e os interesses das massas populares, em quanto esta idéa se não externalisa, em quanto não faz proselytos, e se não encarna em um numero maior ou menor de individuos, pôde ser o germe de um partido, mas não é ainda um partido.

Assim tambem, unão-se embora muitos homens pelos laços de communs interesses, animem-se das mesmas paixões, proclamem cheffes, hasteiem symbolicos estandartes, convencionem senhas, por melhor arregimentado que esse grupo seja, não passará de facção, ou de corrilho, e não será jámais um partido legitimo; poderá talvez conquistar o poder por escalada, ou empalmal-o subrepticiamente, mas não terá jámais o direito de governar a sociedade, nem o seu dominio será duradouro.

Assim como pela dualidade de sua natureza assemelhão-se os partidos politicos ao homem individual, do mesmo modo se lhe assemelhão pelas phases de sua vida collectiva. Do periodo de gestação embryonaria e mysteriosa passão á vida externa, e por assim dizer offi-cial; sua existencia anteriormente contestada e posta em duvida, é afinal reconhecida e acceita pela sociedade. Seus primeiros passos são vacillantes, e por vezes imprudentes; seu vago pensamento se exprime por meio de palavras apenas balbuciadas. Vem depois a idade das paixões ardentes, impetuosas, muitas vezes temerarias; mais tarde a experienzia unida á consciencia da propria força, imprime o cunho da

serenidade e da firmeza em todos os seus actos. Afinal chega o período da declinação; o sangue se entibia, e a circulação se atarda, as articulações enlanguecem, a sensibilidade e o pensamento se entorpecem,—prodromos fataes de proxima ruina.

Não se diga pois que os partidos são imortais, e gozão de eterna juventude. Contingentes, mutaveis perecedouros, como todas as consas humanas, elles nascem, crescem, estacionão, envelhecem e morrem.

Em cada quarto de seculo as gerações se renovão; os que erão infantes, ou ainda não nascidos, tornão-se adultos, os moços tornão-se velhos; os velhos vão repousar no sepulcro. Os jovens de hoje não podem, nem devem aceitar a solidariedade das idéas e paixões, que dominarão, quando elles se achavão no berço, ou no utero materno; os velhos não podem, nem devem pensar e sentir, como pensavão e sentião na sua adolescencia, quadra de paixões e de inexperiencia; os sepulcros são mudos,—as vozes respeitadas dos chefes, que outr'ora guiavão as phalanges nas lides politicas, calarão-se para sempre.

Não declamamos; a historia contemporanea do nosso paiz é suficiente para evidenciar estas verdades. Dos senadores, escolhidos pelo primeiro Imperador, nenhum resta; dos escolhidos pela regencia permanente, que findou em 12 de Outubro de 1835, apenas 2 estão vivos; e quantos nomeados depois d'essa época não tem perecido!—Dos deputados, que servirão nas primeiras legislaturas (de 1826 a 183—) nenhum resta na camara; a morte ceifou-os pela maxima parte, e os que inda vivem, a fortuna caprichosa arrojou á vida privada, ou elevou a outras posições, onde pairão idéas e sentimentos, que não os que dominão a camara temporaria. O ardor das pugnas politicas estanca os mananciaes da vida, como um toxico lento, mas infallivel.

Quando assim tão rapidamente se renovão as gerações dos lidadores, pode-se por ventura proclamar com visos de verdade a eternidade dos partidos? Pôde permanecer identico um partido, quando d'est'arte o seu elemento material absolutamente se renova? Para que tal identidade e imobilidade se realisasse, fôra mister, que cada geração pensasse, sentisse, e obrasse como a que a precedeu na scena do mundo, isto é, que a lei providencial do progresso perdesse a sua virtualidade.

Mas essa imobilidade não está nas condições da harmonia universal; no mundo moral, como no physico, a vida é o movimento, o progresso é a condição da ordem. As gerações se continuão, como os elos de uma cadeia, não se sucedem por transições abruptas; cada uma d'ellas porém tem a sua originalidade, que é o cunho da sua individualidade. Uma geração não pôde ter as mesmas idéas, as mesmas paixões, os mesmos interesses da que lhe precedeu; elles vão-se lentamente transformando á proporção que cada geração vai perdendo os antigos membros, e adquirindo novos. Um dia emsí chega, em que a quasi totalidade dos individuos, que compunhão cada partido, se acha renovada, e então força é que estes se dissolvão ou se transfigurem.

Quando na sociedade e no universo sob o impulso da lei do progresso, tudo caminha e se modifica, quando amigos e adversários, todos se renovão, não é possível que um partido político se immobilise, e perdure por longo tempo. A immobilisação é uma infracção da lei divina do progresso histórico, e essa infracção importa uma saúçao terrível — a morte do partido.

Objeta-se porém: — morrem os homens, mas as idéas não morrem; força é que se renove o elemento material dos partidos, mas o elemento immaterial pôde e deve ser sempre o mesmo, porque os principios são eternos. Sophisma, ou illusão.

Sem duvida as idéas não morrem de morte material; mas desde que não se achão nas condições da sociedade, que progrediu, a sua vitalidade se extingue. Podem ainda conservar-se, e por vezes se conservão durante séculos na memoria dos eruditos, como as mumias embalsamadas, que repousão nos sarcófagos egípciacos; mas perdem a capacidade de inspirar os pensamentos, de dirigir as vontades. Quando algum antiquário político as exhuma, são vistas com espanto pelas massas populares; podem despertar a veneração, ou talvez o sorriso, mas são incapazes de animar, de inspirar essas massas, porque lhes falta o calor e a força vital.

As idéias nascem em certas condições da sociedade; vivem e circulão n'ella por um período mais, ou menos longo, — de annos ou de séculos talvez, mas afinal seu brilho se amortece e se eclypsa, como o d'esses *astros mortos* que se librão no Firmamento; deixão de ser uma força vivaz, que alimenta a intelligencia, instiga a vontade e engendra a ação; morrem e passão para os archivos da memoria dos eruditos, essa admiravel necropolis das idéias.

Leão-se as mais vehementes orações de Demosthenes, ou as mais bellas de Cicero, e sentir-se-ha como se achão mortas as idéias, que convulsavão o povo no Agora, ou o embevecião no Forum; reunão-se os descendentes dos atenienses e romanos, contemporaneos desses grandes oradores, e recitem-se essas orações monumentaes e nenhum coração estremecerá sympathico, nenhuma intelligencia se deixará convencer. Solte-se na Italia os gritos de guerra dos Guelphos e dos Guibellinos; hastiem em Florença os estandartes dos Brancos e dos Negros; e nenhum écho responderá a esses gritos, e nenhum soldado se alistará sob esses estandartes. E' porque estão mortas as idéias, que essas orações, esses gritos de guerra, esses estandartes traduzem.

Para nós só ha uma idéa eterna; é a idéa christã. Pensamento divino não está sujeito as condições do tempo; conserva entre as couças caducas do mundo a sua natureza hyperhumana.

A metempsycose é um sonho tanto na politica, como na religião; querer-se que o pensamento da geração exticta transmigre para a nova geração, que a alma do partido que morreu venha animar o novo partido, é querer-se um manilesto absurdo.

Em vão é tentar perturbar as operações mysteriosas da chymica social; aos partidos envelhecidos só resta morrer, morrão embóra.

Derramem-se lagrimas sobre seus tumulos; depositem-se sobre elles coroas de perpetuas e de virentes louros; ergão-se estatuas aos seus grandes athletas; tudo isto é justo e digno. Mas querer prolongar a hora fatal, que a Providencia lhes marcou; querer que vivão, quando Deos quer que pereçam, —é uma insania.

Do seio da morte brota a vida; a destruição é a condição de mais perfeita reorganização; tal é a lei universal da criação. Quando os velhos partidos se dissolvem, os seus elementos esparsos entrão em novas combinações para a reorganização de novos partidos, cheios de força juvenil, e de aspirações, que melhor comprehendão e satisfação as necessidades sociaes.

Toda a crença profunda e sincera é digna de respeitos, embora se refira a idéas, cujo tempo já passou, ou ainda não chegou. Visionários do passado ou do porvir, cultores de idéas mortas, ou que ainda não nascerão para a sociedade e não podem circular n'ella, não comprehendem as circunstancias e as necessidades do tempo presente, nem podem tomar sobre seus hombros o peso dos destinos sociaes; mas não são menos dignos de acatamento ou pelos serviços que prestaram em outras eras, ou pela abnegação com que se votão a um porvir incerto, talvez imaginario.

O politico porém deve evitar ambos os extremos; nem deve afferar-se pertinaz a um sistema de idéas ossificadas pelo progresso social, nem deixar-se fascinar por utopias phantasmagoricas, que a actualidade repele, e que provavelmente jamais o futuro realizará. Fitos os olhos na sociedade deve observar attento todas as modificações, que n'ella opera a lei do progresso, e modificar parallelamente as suas idéas, de modo que o seu sistema possa satisfazer todas as legítimas aspirações da sociedade, e tenha sempre um remedio prompto para todos os seus sofrimentos.

Como a tunica inconsutil, sempre proporcionada ás formas divinas para as quaes foi tecida, deve a politica crescer e ampliar-se com a sociedade, com as suas necessidades, os seus recursos, e o pensamento n'ella dominante.

O desvio d'esta linha de politica racional tem sempre por sancção —a revolução e a anarchia; quer dominado por sentimento elegiaco o estadista se attenha ao passado, quer arroubado por falsa visão apocaliptica, se lance na carreira das innovações para apressar um porvir, que talvez nunca se realize.

As revoluções nem sempre são geradas pelo espirito de imprudentes innovações; na maximá parte das vezes são fataes explosões, produzidas pela compressão violenta das aspirações sociaes. Quando se procura conter a sociedade, que desenvolveu-se e cresceu, dentro da formula acanhada, concebida para um estado anterior a esse crescimento, força é que esta formula estale e se despedace.

Ao estadista incumbe desviar o flagello das revoluções por meio de uma politica sagaz e prudente, que se amolde a todas as progressivas modificações da sociedade; firme e energica, que resista á inercia

de uns, como á precipitação de outros. E' assim, que a Inglaterra tem ido lentamente alterando as suas instituições, de modo a conservar-as sempre em harmonia com os progressos do espirito publico, e de ordinario são os proprios chefes dos torys, dos conservadores, os que se poem á frente do movimento reformista para satisfazel-o, e ao mesmo tempo dirigil-o e contel-o.

Nessas circunstancias as revoluções são impossiveis; porque toda a idéa nova sabe, que hade ser traduzida em leis, e elevada ao poder, logo que for accita pela opinião publica; e como são lhe franqueados todos os meios de discussão, sabe que se tiver do seu lado a razão e a justiça, hade mais cedo ou mais tarde dominar a opinião. Assim o triumpho das novas idéas, que contém em si um verdadeiro progresso social, é apenas uma questão do tempo; ninguem pôde pois appellar para o recurso precario e ominoso da revolução, quando a victoria pelos meios pacificos, embora mais tardia, é certa e duradoura.

Cumpre attender-se, que o torysmo na Inglaterra, depositario de gloriosas tradições, representa ainda hoje immensos interesses da propriedade territorial; é pois uma grande força social, e tem indisputavel direito a um quinhão de influencia na direcção dos negocios publicos. Qualquer que seja porém o seu direito e a sua força, elle tem bastante prudencia para partilhar, o poder, e por vezes cedel-o, á influencias de outra ordem. E' por meio de continuas concessões, feitas a propósito, que elle tem podido evitar as revoluções, e manter-se á frente da sociedade.

Em outros paizes porém a doutrina conservadora, e progressista não são mais do que meros systemas philosophicos, a que se não prendem outros interesses, que não os dos respectivos proselytos. Ellas não tem pois o direito de serem attendidas como elementos de influencia social; e sim apenas segundo a sua oportunidade, ou o seu grán de verdade em relação a cada uma das phases, porque passa a sociedade.

Assim quando a doutrina progressista se exagera, e tende á reformas inconvenientes ou utopias perigosas, sem duvida que deve ser afastada do poder, assim de que se não sirva d'elle como arma para violentar a opinião publica no sentido do progresso exagerado. Pelo contrario quando a doutrina conservadora procura immobilizar a sociedade sob o domínio de certas idéas e certos homens, forçá é que também seja afastada do poder, pois a compressão, que ella exerceeria, seria um caminho seguro para as revoluções.

Abyssus abyssum invocat.—O despotismo provoca a revolução; das entranhas da revolução nasce o despotismo;—sancção terrível, que a Providencia impoem reciprocamente, a um por meio do outro.

Os que querem reformar tudo, o bom e o mau, commettem um erro de fataes consequencias; mas os que querem conservar tudo, o bom e o mau, também commettem um erro de não menos fataes consequencias. Os progressistas porém que só querem reformar o mau, e os conservadores, que só querem conservar o bom, encontrão-se no mesmo terreno, e podem combinar os seus reforços.

Nas épochas de exaltação política, quando um partido se lança em um extremo, força é que o outro se lance no extremo oposto, para poder contrabalançá-lo. Aspirem os progressistas a imprimir à sociedade um movimento demasiadamente rápido e precipitado no sentido das reformas, e os conservadores exagerarão a força da inércia, ou talvez tomarão um pendor retrogrado. Proclamem os conservadores como dogma a absoluta immobildade das idéias, e a eternização dos mesmos homens, dos seus filhos, ou seidas no poder, e os progressistas também exagerarão o movimento reformista.

Mas a sociedade assim violentamente impellida em sentidos opostos, afinal fatiga-se; é nas idéias medias, que ella vai procurar o repouso. E' esta a quadra, em que se opera a fusão de conservadores—progressistas, e progressistas—conservadores, que separados das opiniões extremas, collocão-se no centro dos partidos.

Examinemos á luz d'estes principios a marcha dos partidos no nosso paiz.

D. R.

GALERIA DOS CONTEMPORANEOS PAULISTAS.

INTRODUÇÃO.

Levar ao conhecimento dos contemporaneos, e quiçá, á posteridade, a historia politica d'aquelleas caracteres proeminentes, que se tem distinguido por suas luzes e serviços, é uma empresa superior ás medianas faculdades que possuimos; mas é tambem uma homenagem ao merito, e ao mesmo tempo um importantissimo serviço prestado ao paiz, para que a seu turno possa tambem distinguil-os e aproveitá-los, quando chamado a exercer essa soberania, base fundamental sobre que assentam as mais fortes columnas do bello edifício a que chamamos—pacto social.

Outra pena, que não a nossa débil e fraca, outras habilitações, não negativas, deviam emprehender este monumento immorredouro ás glórias da heroica província, em que tivemos a fortuna de ver a luz: embora, pela nossa parte, operário grosseiro, revolveremos a terra para que mãos mais habeis e finas venham erigir o *pantheon* paulistano.

Berço de tantos vultos gigantescos que o Brazil todo admira, mas que já lá vão submersos nas vagas roladoras do tempo, é todavia forçoso que a Província de S. Paulo demonstre ás suas eo-irmãs que não se offuscou ainda o brilho de seu diadema, que não recuou um passo da vanguarda que o seu heroísmo outr'ora alcançou: Amador Bueno, Alexandre de Gusmão, Fernandes Pinheiro, Andradadas, Feijó, Paula Souza possuem sucessores, que vão conservando illeso o nome—paulista.

I.

VICENTE PIRES DA MOTTA.

Vicente Pires da Motta, filho do cirurgião formado Manoel Antonio da Motta, nasceu na cidade de S. Paulo em 1799, recebendo a educação mais cuidada que a epocha e os recursos locaes podiam então offerecer. Chegado a edade de seguir uma carreira, as pessoas encarregadas de sua educação escolheram a egreja como a mais propria para aproveitar-se o talento, que já então de-

monstrava o jovem, que com grande aproveitamento havia estudado as humanidades: latim, rhetorica e philosophia erão então a instrucção superior; alem d'estas a theologia e a historia sagrada completavam os conhecimentos d'aquelles que se dedicavam ao altar e ao pulpito, carreira mais nobre e gloriosa d'aquelles tempos em que a influencia jezuitica ainda se fazia sentir. Ordenado de Presbitero em 1821, o jovem Pires da Motta para logo se fez conhecido pelo seu talento e pela energia de seu caracter; foi n'esta epocha que começando a agitar-se os espiritos para o grande evento das campinas do Ypiranga, Pires da Motta se distingue entre os propugnadores da nossa emancipação politica, pois já então gozava do prestigio que a sua posição e novos estudos lhe haviam granjeado.

Quando em 1827 o Juiz de Fóra de S. Paulo dr. José da Costa Carvalho (o finado Marquez de Monte Alegre) montava a primeira imprensa n'esta cidade para combater o absolutismo que se desejava implantar, ou reforçar n'esta terra mãe da liberdade brasileira, o «Pharol Paulistano», surgin como poderoso canhão assistado contra o monstro do despotismo, e teve por collaborador o jovem liberal Pires da Motta, que com energicos e eloquentes escriptos profligou a tyramnia, cujas garras se iam insensivelmente cravando no recente Imperio.

Com a criação do Curso de Sciencias Sociaes e Juridicas n'esta Capital, em 1828, uma nova era se abria aos filhos de S. Paulo: jovens ávidos da ilustração que os devia collocar na posição a que lhes dava direito tão bellas intelligencias, correram a matricular-se no 1.º anno. Collocados já em uma posição saliente, Pires da Motta, bem como outros paulistas distintos (a) não trepidaram em alistar-se como alumnos da Academia, para que se lhes conferisse

(1) Com Pires da Motta matricularam-se na instalação do Curso Jurídico, em 1828, mais 32 estudantes, dos quaes 17 erão paulistas, e foram os seguintes:

Antonio Mariano de Azevedo Marques, que abandonou o curso em 1831, e faleceu em 1844, depois de haver ocupado diversos e importantes cargos publicos, e o 1.º lugar como advogado do fóro de S. Paulo, e talvez de todo o Brasil. Antonio Paes de Camargo, conego da cathedral, e secretario do Bispo: não concluiu o 1.º anno. — Falleceu.

Emilio Paulo de Carvalho, formado em 1832, professor de Latim na Academia. — Fallecido.

Felisberto Gomes Jardim, falleceu em 1831 sem concluir o 4.º anno.

Francisco Antonio da Costa Machado, formado em 1832, e fallecido logo depois.

Francisco de Assis Pupo, formado em 1832, reside no interior da Província.

Francisco Augusto de Oliveira Moniz, idem, idem.

Joaquim Firmino Pereira Jorge, idem, juiz de direito de uma das comarcas da Província.

José Antonio Pimenta Bueno, idem, tomou o grão de Deuter em 1843, senador do Imperio e conselheiro d'estado.

José Antonio dos Reis, idem, actual Bispo de Cuiabá.

José Gaspar dos Santos Lima, idem juiz de direito aposentado.

Manoel Alves Alvim, idem, idem.

um titulo com o qual melhor podessem servir ao seu paiz. Ainda estudante Pires da Motta foi nomeado eleitor de parochia e juiz de paz, em cujo cargo deu provas de energia e firmeza de seu carácter, applicando sempre a lei, por mais qualificado ou protegido que fosse o delinquente.

A reputação que o seu talento e carácter sizudo vae adquirindo valem ao Padre Vicente Pires da Motta a eleição de membro do conselho geral da província para a legislatura de 1831 á 32, quando ainda cursava o seu 3.^o anno de direito, e apenas tomou o gráu de bacharel formado em 1832 foi imediatamente nomeado lente substituto interino da Academia; doutorando-se no anno seguinte, defendeu theses e tirou effectivamente a cadeira de substituto por Decreto de 7 de outubro do mesmo anno, exercendo tambem até o anno seguinte o lugar de juiz de orphãos da capital, até que foi nomeado n'esse mesmo anno lente cathedralico da 1.^o cadeira do 3.^o anno.

Na carreira publica dos homens illustres os factos se sucedem quasi sem interrupção, e as vezes cumulativamente. O reconhecido merito do Dr. Pires da Motta não lhe permite descanso nem esquecimento. Nomeado conselheiro do Governo em segundo lugar para a legislatura de 1834 á 37 coube-lhe pela primeira vez a honra de administrar a sua Província natal por espaço de alguns meses, durante a ausencia do Presidente Rafael Tobias, e como tal teve a gloria de promover e dirigir os festejos que se fizeram na capital pela promulgação do acto adicional à Constituição do Império. No correr do anno de 1837 mereceu tambem a nomeação imperial para servir de director interino da Academia, lugar que serviu por algum tempo.

Eleito deputado provincial nas legislaturas de 1835—37 e 1840—41 o Dr. Pires da Motta já então tinha modificado pela experiência as suas idéas exaltadas (como muitos outros que militaram sob aquellas bandeiras em quanto o paiz se achou ameaçado de regresso ao antigo sistema) alistou-se sob as bandeiras do partido moderado ou conservador, por que reconheceu com muitos de seus collegas que o principio da auctoridade se achava enfraquecido, que a fé em nossas bellas instituições caminhava para a decadencia. Desde então—homem devotado á causa publica á manutenção da ordem, ao imperio da lei, elle ha sido muitas vezes severa e parcialmente apreciado pelos orgãos do partido ad-

Manoel Dias de Toledo, idem: tomou o gráu de Doutor em 1833, hoje lente cathedralico da Faculdade de Direito.

Manoel Euphrasio de Azevedo Marques, empregado de fazenda aposentado, que tem exercido diversos cargos publicos e de eleição, mas que abandonou a Academia depois de matriculado no 5.^o anno.

Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, formado em 1832, doutor em 1833, lente jubilado, e director da Faculdade.

Marcellino Ferreira Bueno, idem, hoje conego cura da cathedral.

Vicente Pires da Motta, de quem acima tratamos.

verso n'esta província. Mas a opinião desprevinida, os adversários conscienciosos só vêm n'elle o homem governamental, a auctoridade energica, a moderação política, o animo conciliatorio; foi assim que nomeado 1.º Vice-Presidente da Província em dezembro de 1841, e assumindo a administração em quanto não chegava o Presidente nomeado, então Barão de Monte Alegre, começou de desenvolver como auctoridade medidas energicas, e como cidadão a empregar todos os meios de conciliação para impedir o movimento revolucionario, que effectivamente apareceu em maio de 1842, achando-se já então a Província confiada a administração do Presidente efectivo. Auxiliando o seu successor, empregando todos os meios suasorios para acalmar a exacerbção dos animos, cathequisando os exaltados, muitos dos quaes eram seus amigos pessoaes, ao Vice-Presidente Pires da Motta, se deve em parte a feliz e prompta terminação de um movimento, que abandonado em começo desenvolveria certamente proporções assustadoras.

De 1843 a 46 Pires da Motta entregou-se exclusivamente ao ensino de sua cadeira de direito, pois que as reiteradas commissões e encargos como que lhe consentem uma tregua para de novo pôrem á prova a sua dedicação pela causa publica.

Agraciado com a commenda da Ordem de Christo em março de 1846 por occasião da visita do Snr. D. Pedro II a esta Província, foi Pires da Motta eleito em maio de 1847, pelo cabido em Séde vacante, para o cargo de Vigario Capitular do Bispado, lugar que exerceu por poucos mezes e do qual logo se exonerou.

Em 1848, n'uma das mais bellas e fulgentes estrelas do Imperio, a Província de Pernambuco, o falso da discordia começa de agitar-se, as recriminações da imprensa tocam á meta da exageração, os animos se irritam, os partidos se chocam, e a ordem publica prestes a ser perturbada, exigia para sua manutenção um administrador energico, intelligente, e experimentado, que com o prestigio de seu nome contivesse as parcialidades nas raias legaes. Ao gabinete presidido pelo Visconde de Macahé chegaram notícias desagradaveis do estado d' aquella parte do Imperio, e um vapor expedido com toda a urgencia do porto do Rio de Janeiro para o de Santos é portador da Carta Imperial que nomea Pires da Motta para administrar aquella Província. A sua presidencia porem foi ahi de pouca duração: o ministerio de transição presidido pelo Visconde de Macahé não encontrou apoio na camara quatriennal, teve de retirar-se dous ou tres mezes depois de sua ascenção, e o seu delegado na Província de Pernambuco retirou-se com elle.

Com a subida ao poder do ministerio e do partido conservador em 29 de setembro de 1848, o homem que pelo seu profundo sentimento de justiça e moderação parece haver encarnado o principio da auctoridade não podia ficar esquecido, e para a reacção que se tinha de levar a effeito no sentido das idéas conservadoras, digamol-o mesmo — o Dr. Pires da Motta era o homem necessário a Pro-

vincia de S. Paulo, como para qualquer outra importante do Império: jamais tendo lutado como partidário na tribuna ou na imprensa, nessa luta odienta e pessoal que estraga e desmoralisa os mais bellos talentos (como testemunhamos diariamente para vergonha de nosso paiz) o Dr. Pires da Motta era o mais proprio para realizar entre nós a passagem de um para outro domínio político, como o fez, com toda a calma e desinteresse, máu grado à oposição, e provocação desabrida que sofreu do partido, que deixava o poder. De posse da administração desde outubro de 1848 até o meado de 1851 elle se conduziu sempre coerente com o carácter sizado, desinteressado e lindo que todos lhe reconhecem, conservando as antigas relações pessoais sem distinção de feição política, e sem que todavia elles podessem já mais influir no plano administrativo e político que se havia traçado. Se não conseguiu dotar a sua Província com melhoramentos notaveis, é isso devido á causas inteiramente alheias ao seu ânimo, ás mesmas que tem influido para que seus antecessores e sucessores tenham obtido o mesmo resultado; em todo o caso existem os relatórios com que anualmente dava conta á assembléa dos negócios da Província: as suas opiniões, e os seus projectos sobre melhoramentos ali estam expostos clara e francamente, bem como os vicios de sistema que retardam o progresso.

Agraciado pelo Governo Imperial com a carta do Conselho durante a sua presidência Pires da Motta voltou em 1851 a lecionar a sua cadeira de lente, com todas as suas relações, com toda a singeleza que o caracterisou sempre em sua vida (particular) e n'ella permanecendo até 1854 recebeu todavia durante esse período a maior prova que lhe podiam oferecer seus patrícios do apreço em que tinham o seu mérito e serviços: chamada a opinião pública á escolher seis nomes que dignamente substituíssem os benemeritos Visconde de S. Leopoldo e Paula Souza, os paulistas apresentaram á escolha do Monarca, entre outros, o do conselheiro Vicente Pires da Motta.

Pouco mais de dous annos mediaram apenas entre a exoneração pedida da Presidência de S. Paulo e a nomeação para a do Ceará, que teve lugar em janeiro de 1854, e onde se conservou até meados do anno seguinte. Ali como em todos os lugares e cargos o conselheiro Pires da Motta manteve a sua reputação de íntegro, político moderado, administrador de tino e energia.

Exonerado da Presidência do Ceará, e tendo deixado n'aquella Província saudosas recordações, á este incansável servidor só se concedeu um pequeno interregno como que para visitar a sua terra natal e aos amigos.

Em setembro de 1855, novo appello ao seu patriotismo, novos sacrifícios de seus commodos exigiu o Ministerio nomeando-o Presidente da Província do Paraná, para onde efectivamente partiu, ad-

ministrando aquella parte do Imperio por espaço de um anno, com adhesão de ambas as parcialidades politicas.

De volta á S. Paulo em outubro de 1856, continua a leccio-
nar na sua cadeira de direito civil patrio, sciencia em que, espe-
cialmente, a sua auctoridade foi sempre reconhecida e acatada, bem
como em Direito Romano, de que procede o nosso.

Em abril do corrente anno uma nova nomeação veio conven-
cer-nos de que a honrosa peregrinação administrativa, á que por seu
merito parece achar-se condenado o conselheiro Pires da Motta,
ainda não findou. Administrando actualmente a importante e vasta
Provincia de Minas, os dignos mineiros terão sem duvida reconhe-
cido por propria experientia o mal executado, porém verdadeiro
quadro que acabamos de esboçar acerca do caracter e qualidades do
nosso patrício.

Jubilado na cadeira de lente da Faculdade de Direito, por um
decreto de agosto ultimo, o conselheiro Vicente Pires da Motta tem
concluido a sua carreira no magisterio publico.

Poremos tambem aqui ponto sobre esta personagem paulista,
para occuparmo-nos de outro, em o numero seguinte.

M. S.

POESIAS.

TEUS OLHOS.

Eu morro em teus olhos—na palpebra frouxa
E' meio dormida n'um sonno sem nome !
Na luz que despedem ; mas tenue, brandinha,
 Na luz que se some !

Eu morro em teus olhos !—bem sabes que a morte,
Que vem de teus olhos, é morte de amor ;
Que a luz que se some, mas tenue, brandinha,
 Tem muito calor !

Si ris louquejante... as negras pestanas
Teus olhos imendam com chuva de luz ;
Ai, doido, entre beijos tua alma escondida
 Sonhando ahi puz !

As vezes, tremendo na walsa amorosa,
A luz se concentra, se aviva, fulmina !
Teu corpo se verga, qual vérga na enchente,
 Da varzea a bonina !

Eu morro em teus olhos !—são negros, pequenos,
—Brasinhas accesas—... recuo de medo !...
Embalde—minh'alma lá vae—maripousa—
 Queimar-se... em segredo !

Eu morro em teus olhos !—bem podes piedosa—
No dia em que a morte por terra prostrar-me,
—Na hora do enterro—em pranto afogado—
 Bem podes olhar-me !

Verás que disperto na luz de teus olhos
Na luz que se some—que é tua, que é minha !
E' lá—bem occulta—nas longas pestanas
 —Que est'alma se aninha !

O SOL.

Oh! sol, oh sol de minha terra! ardente
 Facho de luz formosa!
 Que mão prendeu-te a cupula lusente
 Da esphera luminosa?

Oh sol, ave de luz, teu alvo ninho
 Onde reposa? aonde?
 Tens o poiso na matta?—o teu caminho
 Entre flôres se esconde?!

E sobre o tope d'arvore gigante
 Que o céu veste de luz,
 De flôres d'ouro em calice odorante
 Que tens o berço e a cruz?!

Ou lá dos lagos no chrystal das aguas
 Aonde a garça nada,
 E as asas brancas, do praser nas fragoas
 Sacode perfumada?!

Como esteira de perolas brilhantes
 O orvalho de suas pennas
 Mescla tremendo aos lucidos diamantes
 De tuas manhãs serenas?!

Donde vieste, oh sol!—donde vieste?
 Foi lá da erguida serra!
 Lá da entrada do céo glorias trouxeste
 Lá dos confins da terra?

Nas montanhas de agreste serrania,
 Na espuma das caceatas,
 Ouviste os hymnos do acordar do dia
 Ao som das cataractas?!

E's da America oh sol!—do ardente lume
 Exhalas vida e amor,
 Qual trescala finissimo perfume
 Da baunilha em flôr!

Das nuvens, da corrente e ceu e flôres,
 Da naturesa inteira,
 Resumiste n'um extasis de amores
 A historia feiticeira!

Ai não paraste, ai não ! — e sentida
 Tua face não mudou !
 Oh não te importa na floresta a vida
 Do tronco que tombou !

Olha as folhas do bosque amarelladas
 Juncando o frio chão
 Talvez conservem lagrimas passadas
 De um triste coração !

E tu de errantes tribus as historias
 Esqueceste ou não erês ?!
 Alegres passos, esmagando glorias
 Debaixo de teus pés !

As pingas do oiro da plumagem tua
 A sombra dos palmares
 Vejo curvada a India que recua
 Em frente de seus lares !

De teus filhos—oh sol ! poucos já restam,
 —Espectros que tem vida,
 Tristes ossadas que espantados param
 Buscando uma jasida !

Quantas pugnas aqui tua luz brilhante
 Alumiou serena ?!...
 Oh da tarde ao eair na festa ovante
 Poisaste o diadema !

Essa raça morreu, oh sol amigo,
 Foi da ambição a presa !
 Só tu, só tu ficeste e só comtigo
 Teu solio—a naturesa !

MARIQUINHA.

Mariquinha, por bondade
 Escuta um segredo meu,
 Os teus olhos tem primores,
 Tem primores lá do céu.
 São lindos—tem esplendor,
 Despedem chammas de amor.

Não te zangues si te conto,
 Si te conto o meu segredo,
 Sinto o peito arder em chammas,
 Que se inflamme tenho medo;
 Não sé ingrata, Mariquinha,
 Ouve os sons da lyra minha.

E's gentil, ès engraçada,
 E's qual rosa em formusura,
 Tens da dhalia a singelesa,
 Do jasmim tens a candura;
 Si me olhas—o teu olhar,
 Faz-me de amor suspirar.

Vaguea a briza entre as flôres,
 Entre as flôres do jardim;
 Murmurando seus queixumes,
 Queixumes que não tem fim:
 No ameno sopro da briza,
 Oiço tua voz que electriza.

A' noite quando as estrellas,
 Rutilam no azul do céu,
 E a lua vem despontando,
 Envolta em prateado véu,
 Julgo avistar-te á meu lado,
 C'um sorriso enamorado.

A' sonhar com teus encantos,
 A' pensar nos teus amores,
 Corre-me a vida risonha
 Semeada de lindas flôres.
 Não sé ingrata, Mariquinha,
 Ouve os sons da lyra minha.

ESTUDOS NO BAILE.

Vou aos bailes e não danso; pensarão que eu passo então horas custosas respirando tédio e enfado.—Engano!... nos bailes eu estudo, e o estudo é uma valente máquina de vapor, que impelle as horas com a velocidade do raio.

Um baile é um livro aberto, em que cada um dos assistentes é uma folha onde há que ler. Por isso nos bailes levo vida de Judeo errante; — armado de carteira e lápis para fazer minhas notas as escondidas, procuro ter o dom da ubiquidade—não paro em sala alguma e acho-me em todas—; metto-me em todas as rodas—attendo a todas as conversas, insinuo-me pelo meio dos atrevidos balões. Buscando o campo da poesia direi que nos bailes sou como a borboleta inconstante: — ora vagueio em torno de lindas florinhas, mimosos botõesinhos de rosa, que vição com a frescura que lhes infiltra o orvalho da manhã da vida—as moças—Embrago-me então com a fragrância do *franchepani* que se levanta de seos lencinhos de cambraia—do *cosmetique* que resconde de seos cobellos lusíos.

Ora volteio em torno de alguma *Dhalia* já murcha—uma velha—respirando então uma atmosfera temperada com o cheiro do rapé, que se escapa de seos dedos, ou com o simpático seco de Hollanda, que perfuma suas cans, ou chinó.. Ora adejo em torno de algum insípido *malmequer*—um velho—sorvendo então, mesmo *malgré moi*, a prosaica e azeda cangica que trezanda de seu lenço encarnado.

Sou amigo da variedade; gosto de aproveitar essas alternativas do mundo, porque a grande ciência do *viver* consiste em saber misturar a privação com o gosto—sofrer um pouco hoje, para amanhã sentir o prazer em todo o seu requinte.

E' por isso que depois de uma conversação espírituada e poetica com alguma Evinha espirituosa, vou entupir os ouvidos com esse *bavardear—anotador* e monotonio de algum velho ou velha.

Tenho assim estudado o que é um baile em todas as suas minúciosidades—

Perguntar-me-lão agora: — qual é o fructo de vossos estudos? !...

Olé!.. tenho lucrado muito!... estou até compondo um tratado que se intitulará—misterios do baile—e que me levará ás reminiscencias da posteridade—

Primeiro que tudo, tenho visto e ouvido muita coisinha boa: por exemplo—N'uma dessas occasiões em que se termina uma quadrilha, em que os pares em confusão procurão assentos, ou se destinão ao infallivel passeio, achava-me eu no meio do turbilhão e ouvi muito as carreiras o seguinte dialogo:

Uma moça alias bem *chique*, dizia a seo cavalheiro:

— Mas, Snr. Manoel, como fez o Snr. então para não dansar agora com D. Mariquinha?

— Foi coisa muito facil: *arrumei-lhe um pedaço de peta*....

Arripiei-me todo com a finesa e espirito que tinha ou'ido.... o sujeito lá se foi julgando que dizia perolas, eu puxei pela minha carteira e atraç de uma cortina de janella escrevi=quando eu der bailes, lá não me pisão os Surs. *Manieis*=

Outro exemplo. — Os pares dansavão, e eu escorreguei-me muito de mansinho para uma cadeira, que ficava proxima a um casal de pombinhos:—assim situado, comecei a olhar para S. Francisco, quando a minha attenção estava toda presa á S. Bento: ouvi então o seguinte—

Ella—O Snr. pregou-me uma hypothese no baile passado—

Isto de *hypothes*s é uma giria de baile que provavelmente começou por ser um *espiche* de algum espirituoso ou espirituosa.

Elle—Perdão minha senhora, V. Exa. não me cedeo quadrilha alguma nesse baile.

Ella—Foi a 3.^a—o Snr. era o meu *cavalleiro*

Elle—Juro D. Joaquininha.....

Ella—Não jure *marvado*

Puehei a carteira e escrevi=as Joaquininhas são umas *marvadas* que gostão de *cavalleiros*—perdi a fé com ellas=

Além disso, tenho aprendido que um baile é uma cadeia de mentiras desde que começa até que se acaba. A musica, a dansa, os elogios e comprimentos, os risos, o silencio e a seriedade, as moças e o proprio baile em si—tudo é mentira.

A musica é uma mentira, porque ninguem se importa com ella,—não se toca musica para se dansar—toca-se para se poder conversar á vontade.

A dansa é uma mentira, porque ella só serve de pretexto para ir um primo tirar a priminha da vizinhança encommoda da titia.

Os elogios e comprimentos são mentiras, porque tenho visto muito desalmado profanar o nome de—anjo—com um jabiraca capaz de correr parelhas com a cabeça de Meduza.

Os risos e a seriedade são mentira, porque as vezes não falla a lingua, mas fallão os olhos, fallão as mãos, e até fallão.... fallão os pés.

As moças são mentiras, porque tenho visto muita moça bonita no baile, e no dia seguinte vendo-a na janella.... que decepção!... era tudo pó de arroz, era carmim,—erão bandos postiços —era tudo mentira—

O proprio baile em si é uma grande mentira, porque seo sim principal para os paes e mães, não é o divertimento, não é a musica, não é a dansa--qual historia!... cartas na mesa e jogo franco, dizia o Pedro sem mais nada; para esses um baile é assim uma cousa a modos de escriptorio onde se descontão letras vencidas—é assim uma cousa a modos de taboleta para onde trazem elles suas joiasinhas a ver se alguem se tenta; e senão vejão se, depois que um pae casa a ultima filha solteira, não se risca logo dos bailes—

Já se vê pois que muito tenho lucrado com os meus estudos no baile; façamos agora um ligeiro esboço d'elle.

Aqui é uma trempe de velhos que, aborridos d'essa matinada e folguedos, que fazem os jovens com suas musicas e suas dansas, procurão esquecer-se de tudo que os cerca embrenhando-se nos calculos do voltarete, como aquelle que atormentado de desgostos vai procurar no fundo de um cópo o olvido a seus sofrimentos. Deixemos os velhos pedirem licença, irem á casca, fazerem resposta e levarem codilho; viremos folha.

Agora é um senado de velhas, que com as palpebras calcadas pelo somno, a custo conservão nos olhos aberta uma fresta por onde espionão a filha que passeia pelo braço de um *dandy*; para matarem então essas longas horas de enjôo e fastio, discutem em plena sessão qual o meio de sahir um pão de ló bem fôfo, qual a disciplina domestica para que os escravos não sejão desmazelados, quaes as virtudes do chá de macella gallega, e outras questões de interesse publico.

Viremos essas folhas carcomidas e traçadas, vamos aos livros novos. Chegamos ao farrancho das moças e dos rapazes.

Oh! aqui é que é o *fervet opus* :—nada de olhos amortecidos por Morpheo, e só abertos por frestas:—pelo contrario—olhos vivos e brilhantes como outras tantas estrellas: nada de jogos de cartas e conversações de pão de ló com macella gallega, mas sim os encarniçados jogos de Cupido e o severo ajuste de contas dos namorados. Reina a agitação de um campo de batalha, é um combate perfeito.

Ainda não começou o baile; as moças, orlando o salão da dansa como uma grinalda de flores, apresentão uma fileira cerrada, mostrando que em seos esquadrões dominão as regras da disciplina e da ordem. Os rapazes, esparsos pelas salas de fóra, escolhem no exercito inimigo o adversario contra quem dirigirão suas armas.

São as duas forças belligerantes postadas uma em frente da outra, esperando com sosseguidão a voz de—avançar—dada pelo seo general em chefe—o mestre-sala.

Ainda não sóou essa voz, mas nem assim os anciósos guerreiros se conservão calmos e em plena paz: lá de vez em quando parte uma flechada pelo vacuo de uma janella, ou de uma porta, que vai se empregar em cheio no inimigo, que a seo turno não paga mal a sua dívida.

Mas.... ouve-se o estalar de tres palmas—é a corneta do general em chefe que ordena o principio da acção.

Entre parenthesis.... isto de mestre-sala se pôde gozar do nome pomposo de general em chefe, tambem se pôde chamar pelo nome menos airoso de—*mestre-salla*—; note-se bem que escrevi *salla* com dous l: era-me precisa mais uma letra—vamos adiante.

Sôão as tres palmas do mestre-salla (com onze letras); as forças combatentes atirão-se á abordagem, em breve a musica encoraja os lutadores, elles misturão-se no mesmo campo e a confusão de um combate renhido reina por toda parte;—no tiroteio das valsas—no avançar em filas das quadrilhas e lanceiros, os tiros sucedem-se uns apoz outros—tiros tanto mais perigosos, quanto é certo que elles partem sem se annunciem por um estampido—serem sem produzirem sangue.

Toda a manha, astucia, e estrategia empregadas nas guerras, que têm ensanguentado o mundo, são conhecidas por esses hâbeis soldados, especialmente as do esquadrão feminino.

Garibaldi, quereis vencer o Papa, formai um esquadrão de mulheres!

Ali—está uma moça isolada em seo canto, com a tristeza debuchada em suas faces, com os olhos fixos no chão;—parece o anjo da solidão vexado d'esse tumulto que o cerca.—Cautela!.... essa apparencia pacifica encerra um combate perfeito—ella sabe que uma moça triste e só, commove os corações com poderosa magia. Cuidado.... essa moça combate!

Ali—estão dous ou tres rapazes de collarinhos especando o queixo, de bigode retorcido com *fixateur hongrois*, de cabelleira frizada, cercando de attenções a uma velha enrugada, ouvindo com o riso nos labios enfadonhos contos do tempo de D. João 6.^o, proczes da Prateada e do Chiarini, e os effeitos celebres que as pilulas paulistanas têm feito em sua casa no seo filho, no seo sobrinho, no seo neto, na sua negrinha, no seo gato, no seo cachorro, no seo.... basta.

Cautela com os moços de bigode de anzol—são terríveis sitiantes, que querem vencer essa fortaleza porque sabem que além d'ella está a sua victoria—uma filha, ou uma neta d'essa velha; a pobre velha está sitiada, está bloqueada por esses maganões e por sim render-se-ha, e elles cantarão victoria.

Ali passeia uma joven horas e horas pelo braço de um joven, seos labios abrindo-se de espaço em espaço mostrão encantos que arrebatão, seos olhos constantemente fixos nos d'elle faiscão logo, ferem como os tiros de uma espingarda a *Minie*, suas palavras seduzem como o canto de uma sereia.—Essa então combate a descoberto, não emprega rodeios e astacias, é um duello francoe leal, ou, por outra—escandaloso.

Entre-se no *toilette*.... Entre-se digo mal, que é esse um *templo* onde não se admitem *profanos*: os estatutos geraes da ordem

marcão pena de degredo contra o pobre *goteira* que lá entrasse—as Amazonas de hoje serião capazes de crucifilar o homem que tivesse a audacia de entrar n'essa nova Cappadocia chamada *toilette*. Portanto reformo a expressão: espie-se muito disfarçadamente pela fresta do reposteiro do *toilette*: ali—adiante d'aquelle espelho está uma moça compondo o penteado em que Mr. Teyssier muito se esmerou e que se transtornou um pouco com a walsa, colloca em seo assetinado collo mimosa camelia, indireita as illusões do seo vestido, iguala bem o urquear de seo balão magestoso—veste seos dedinhos de anjo com apertadinhas luvas de *Jouvin*. Cautela.... ella prepara suas maquinas de guerra, põe em ordem seos aparelhos hostis para mais facil ter a victoria—ella tambem combate.

Ali—passou uma dama o seo *bouquet* para as mãos do seo cavalheiro: elle incauto respira o odor das flores que o formão. Coitado! não vê que é uma maquina de guerra que seo inimigo lhe passou: como as maquinas infernaes da Criméa, ella vai em breve fazer a explosão e o pobre moço vai se render derrotado. Cuidado com a dama do *bouquet* ella tambem combate.

Ora digão lá agora que não ha muita experincia aproveitavel em tudo isto, que não ha muitos perigos apontados e que convém fugir; sem duvida nenhuma, meos estudos são muito uteis, voltarei a elles se não tiver preguiça.

O Juca.



CHRONICA DA QUINZENA.

S. Paulo 1.^o de Novembro de 1860.

Quando um homem obscuro aos olhos do mundo, sahe do apenso modesto em que habita para hir aos salões conviver com pessoas cada uma das quaes é um symbolo de illustração e de saber, certo respeito se apodera delle, solta-lhe a voz, e o acanhamento é bem-natural.

Esta verdade, aplicada ao humilde chronista da REVISTA LITTERARIA PAULISTANA, define-o melhor do que si se apresentasse ao leitor involvido n'um longo e estirado programma, á guisa de deputado sem erengas, ou jornalista sem principios.

E não? O que é um programma?

Peça enfadonha, recheada de lugares communs, promessas irrealisaveis, apellos mentirosos, onde o orgulho se insinua, e o amor proprio procura incubrir-se nas pregas falsas de estudada modestia. Não vale a pena sacrificar a paciencia, nem perder o tempo n'essa vulgaridade sem sabor; por isso, não calando a verdade, apresento-me respeitoso e acanhado para hir sem pretenções, historiando o *tudo* e o *nada* que for constituindo a vida periodica de nossa sociedade paulistana.

Pago assim um tributo de gratidão aos que me collocarão neste lugar e aprendo,—como discípulo nas lições dos bons mestres.

E é todo o meu cavaco.

* *

No dia 15 deste caloroso mez encerraráo-se os trabalhos do anno lectivo da Academia; e como sempre a mocidade abrio-se ao prazer, lembrando os brinquedos, e as gritarias la de Coimbra, que servem de trazer n'um cortado os pacíficos *calouros*.

E' triste que ainda hoje se veja disso em nossa sociedade.
Pena de morte ás *vaias*...

* *

Durante a quinzena honverão varias defesas de theses, entre as quaes teve lugar a do Illm. Sr. Dr. Ernesto Ferreira França.

A grande nomeada que já da Europa gosava este Sr., seus trabalhos sobre Direito Romano, e ainda suas obras litterarias, provocarão de toda a parte a curiosidade, e chamarão á Academia um numerosissimo concurso para aplaudir o seu combate com os dignos lentes da nossa faculdade.

Bem poucas vezes, n'outra parte, se terá visto o verbo da sabedoria brotar tão eloquente e inspirado como nessa occasião. A scien-
cia subio mui alto, nos braços de nossos mestres.

Ainda na especialidade do digno doutorando, na vastidão do Direito Romano, si a victoria não foi decisiva, repartio seus louros. Ambos os athletas mostrarão o quanto valiõ, e o muito que sabião!

O Dr. Ernesto Ferreira França, obteve em resultado a plena approvação, juntando assim mais um pergaminho, aos outros que lhe conferirão as academias estrangeiras.

* *

Agora o theatro.

Si bem que como corporação elle pareça debater-se nas agonias d'um suicidio lento, e chore muitas vezes sobre os insultos e motejos que lhe lanção a face; é forçoso confessar que como elemento de civilisação e progresso, elle vai ganhando de dia em dia no pensamento de nossa mocidade um novo incremento.

Ahi está a prova nas ultimas composições que tem aparecido, e ainda nesse projecto de associação dramatica, á cuja frente consta-me estar o Dr. Ferreira França, por convite dos apostolos da idéa—os Srs. Limpo de Abreu, Pessanha Póvoas, e Rodrigo Octavio.

O fim de similhante associação é o mais nobre e o mais glorioso possível para os seus fundadores: é abrir uma estrada ao talento dramatico dos moços estudantes, concorrendo assim para o engrandecimento e elevação do theatro nacional.

Ha entre nós muita vocação artistica, muito gosto pela litteratura: falta um mestre que os tome no berço, que dirija-lhes o desenvolvimento, e os faça fructificar convenientemente.

Não ha um centro; cada qual segue um caminho a esmo, intre-
ga-se ás impertinencias do orgulho, acredita-se logo um sabio, e quando olha para si, está a dois dedos do abismo!

E' cruel esta verdade. Prasa a Deos que o Dr. França como o anjo protector da mocidade litterata, não a abandone jamais, e que essa associação produza á sua sombra sasonados fructos.

* *

D'entre as composições dramaticas que andão por ahi a morrer nas gavetas de seus autores, apenas uma (que eu sei) vai caminhando á publicidade: é o drama *Octavio* do Sr. Sisinando Nabuco de Araujo

Está em ensaios, e logo que subir a scena, prometo ao leitor um pequeno juizo sobre elle, ou antes uma noticia do que tiver occorrido a respeito.

* *

O que é um annuncio de jornal .

A proposito disto ouvi dar-se uma resposta assaz espirituosa.

Sahindo em certo dia d'uma livraria, encontrei-me com um rapaz muito meu amigo :

—Estou furioso, disse-lhe.

—Porque?

—Acabo de procurar um livro anunciado e não acho...

Elle soltou uma risada, e perguntou-me cheio de malignidade:

—Sabes o que é um annuncio?

—Presumo.

—Nem presumes, nem sabes: um annuncio é uma mentira... entendes?

E demos de andar.

* *

No dia vinte e oito do mez passado, teve lugar na respectiva Egreja, a primeira festividade da irmandade academica de S. Francisco de Assis.

A realidade não desmentiu as viçosas esperanças que tão feliz instituição fizera nutrir. Tudo foi brilhante.

Começou o festejo na vespera com matinas, illuminação na fachada do templo, repiques de sino, baterias, foguetes de vista, e duas bandas de muzica, de quando em quando enchendo os ares com suas estrepitosas harmonias.

Era o catholicismo em seu explendor; o povo correu em massa para admirar-o em suas manifestações de jubilo e de prazer, trocando suas fadigas pelas alegrias que elle inspirava.

No dia seguinte houve missa solemne. O templo regorgitando de riqueza e pompa, a muzica profunda e grandiosa como as inspirações de Palestrina ou Orlando oferecia á devoção popular um quadro de incriveis misterios, como só os pôde dar a religião do Christo.

Ao Evangelho orou o Rvm.^o Dr. Padre Mamede José Gomes da Silva, já tão conhecido e tão merecidamente apreciado na tribuna sagrada.

Si os louros outrora colhidos por Mont'Alverne sobre aquele pulpito, tivessem de corôar a mais alguma, não se murcharião por certo, ao cahirem-lhe na fronte.

O illustre orador, como sempre mostrou-se digno do lugar que ocupava.

A' tarde uma procissão immensa, TE-DEUM, e o magnifico dis-

curso do Rvm.^o Sur. Conego Chantre Dr. Ildefonso Xavier Ferreira vierão completar o festejo. Foi um grandioso expectáculo. Dir-se-hia o triumpho da religião e da ciência, o consórcio da razão e da fé.

Os dignos lentes da Faculdade, quasi todos presentes, o corpo académico assistindo á tudo, elevarão mui alto as gallas e as consoladoras magnificências do culto christão.

Entre os nomes das pessoas que em tão louvável esforço se distinguem, seja dado ao chronicista mencionar o do digno juiz da festa—o Snr. João Gomes R. de Avellar, não para louval-o, mas para glorificá-lo como o interprete da primeira festividade académica.

* * *

D'entre as notícias vindas ultimamente da corte, referirei uma que mais de perto nos diz respeito, e espero que o leitor me não levará isso à mal; pois é sinal do chronicista contar *novidades velhas*.

«Estava quasi prompta em Paris a estatua equestre que se deve erigir na praça da Constituição ao fundador do Imperio.»

Este passo para o perpetuamento de nossas glórias é de um alcance imenso para o futuro desenvolvimento do povo brasileiro. Aprende-se, as vezes, mais nas páginas de mármore, do que n'esses inuteis *infolios* que por ahi formigão...

Prasa á Deos que á esse monumento sigão-se outros, que testemunhem ao estrangeiro a grandesa que temos entre nós, e ensinem á nossos filhos o que ainda não podemos aprender.

Ha muita glória em nosso passado: despresamol-as porque somos uns ingratos.

O esquecimento não devia ser a coroa daquelles que viverão e morrerão pela pátria. E o é entre nós!

* * *

Consta-me que o *Club Familiar* vai de novo abrir suas portas ao prazer.

Como outro Lázaro da Bíblia, tem tido muita irmã que lhe prantec sobre a lousa. Si já não ressuscitou, é porque ainda não houve uma voz como a do Divino Mestre que lhe bradasse:

—Levanta-te.

Operando-se o milagre, ahi temol-o como d'antes, jovial e festeiro, com todas as condições exigidas para ser de telhados abaixos, o céu, o inferno, ou o purgatório dos que se atirarem em seus braços.

E não? em these é o característico de toda a reunião. Ao menos, diz-me cá um livro muito sabio que tenho em casa.

Mais tarde, talvez copie d'elle algumas páginas para offercel-as ao leitor. Ha pena que hajão muitas já borradas; mas eu farei a diligencia por escolher as melhores.

* * *

Para felicidade do leitor, que de certo se vai descontentando comigo, devia fazer aqui o meu ponto final; mas sinto que nesse caso passaria muitos dias encomodado, com a consciencia atropelada.

De que me serve o que eu tenho? Mandaõ-me n'um dia destes uma carta, e o melhor uso que posso fazer d'ella é dal-a aqui *ipsis verbis* ao leitor.

Não fazel-o seria ter remorsos; e eu não quero negocios com esse bichinho; ahí vai ella.

« L*** Soube que estás chronista. Desejo saber si tambem fallas de modas; que, nesse caso, quero fazer-te presente de bons figurinos.

« Deves fallar... principalmente si quizeres a atenção do bello sexo.

« Em Paris as modas varião com as estações: o vestuário acompanha o tempo. O veludo, a lã, a seda de peso, e em geral as fazendas quentes servem no inverno; no verão, ao contrario, faz-se uso da tarlatana, da escossia, da seda fina &c. &c. •

« Na corte, em nosso paiz, ainda segue-se isso em parte.

« Aqui, como não ha estação descriminada (salva a excepção destes ultimos dias;) como em todo o tempo faz frio, e em todo o tempo faz calor, tambem veste-se indiferentemente a lã, ou o veludo, a seda, ou a tarlatana.

« Mas, si a qualidade da fazenda em nada vem ao caso, não é o mesmo com os accidentes, com os enfeites, o molde, e o gosto.

« Hoje—por exemplo—estão em voga os corpinhos afogados, de traspasse, lófios na frente, e lisos portrás como um gibão. As mangas são largas, a balão, ordinariamente em duplicata; de tule a debaixo, apertando nos punhos com enfeites de fita, e a de cima debruada por um ligeiro canhão, ou causa similar. Duas saias, liso o cinto, eis ahí mais ou menos como são os ultimos vestidos.

« Não obstante minha mana, que é doutora nestas cousas não entende que a moda seja obrigatoria. Segundo ella deve regular sempre o gosto de cada um.

« Dei-te essa lição, porque talvez a aproveites. Si quizeres explicações melhores, ou vem cá, ou manda buscar os figurinos que cá tenho. Adeus. »

Para mim é lóra de dñvida que a moda é o gosto de cada pessoa, com mais ou menos aceitação, estes ou aquelles móldes. Por isso não é provavel que na minha chronica meta-me com as modas; não obstante, si mais alguma carta eu receber, peço licença ao leitor, para transcrevel-a, como o fiz á essa que ahí deixei.

* * *

No dia 29 começarão na Faculdade de direito os actos do segundo, terceiro, e quinto anno, debaixo dos mais felizes agouros. Oxalá continuem.

Por hoje salutem.

L***